



SEÇÃO: APRESENTAÇÃO

Filosofia política e relações internacionais

Political philosophy and international relations
Teresa Cristina
Schneider Marques¹
orcid.org/0000-0002-6038-2704
teresa.marques@pucrs.br
João Francisco Cortes
Bustamante¹
orcid.org/0000-0002-2069-6506
joao.bustamante@edu.pucrs.br
Recebido em: 05. jul. 2021.

Aprovado em: 06. jul. 2021.

Publicado em: 23. ago. 2021.

O dossiê "Filosofia política e relações internacionais" reúne reflexões sobre teorias, conceitos e pensadores a partir do diálogo profícuo entre essas duas áreas de conhecimento. Tal diálogo não é novo. A ontologia das relações internacionais é indissociável dos debates filosóficos dos pensadores modernos sobre guerra e paz, o Estado e as suas funções, entre outras questões. Esses temas que incentivaram os estudos e as análises de autores considerados clássicos tanto pela filosofia quanto pelas relações internacionais permanecem incontornáveis nas controvérsias atuais sobre as transformações do chamado *sistema internacional*. Autores como Nicolau Maquiavel, Thomas Hobbes, John Locke – entre inúmeros pensadores – fazem parte constante, ainda hoje, das leituras mais básicas dos internacionalistas em formação.

É importante destacar que a institucionalização inicial das relações internacionais recebeu grande influência do contexto acadêmico norte-americano, caracterizado pela força da ciência política naquele país e pelo contexto de Guerra Fria.² Essa origem marcou a definição ontológica inicial e, com isso, garantiu à perspectiva realista a posição de *mains-tream*. Como resultado dessa influência do realismo, grande parte das pesquisas no campo das relações internacionais apresenta um diálogo com a filosofia limitado às considerações sobre a anarquia e a guerra no cenário internacional. Ainda que outras abordagens como o liberalismo e o marxismo tenham propiciado lidar para além dos pensadores contratualistas, consideramos que a proximidade com a filosofia foi pouco explorada por muitos estudiosos da área.

Uma nova perspectiva abre-se em decorrência das profundas e recentes transformações ocorridas no âmbito dos estudos de relações internacionais. Cabe destacar a expansão advinda da consolidação de



"periódicos especializados, associações e cursos"³ que, no Brasil, se acentuou sobretudo nas duas últimas décadas.⁴ Esse processo contribuiu para o incremento das relações internacionais como campo de pesquisa ou disciplina autônoma com caráter multidisciplinar ao mesmo tempo em que se tornou mais plural. Ao dar início à revisão de sua ontologia, impulsionado pelas contribuições teóricas e metodológicas pós-modernas, feministas, entre outras teorias que ganharam visibilidade entre os pesquisadores da área após o chamado "quarto debate", outros objetos de investigação vieram à tona.⁵ As contendas sobre direitos, cidadania, gênero e diversos temas cosmopolitas alcançaram, assim, um novo lugar no campo de estudos das relações internacionais.

Nesse cenário de renovação epistemológica e ontológica do campo parece ainda mais pertinente revisitar a filosofia política por meio da justificação das relações internacionais, com o objetivo de se delinear o exercício da crítica para com filósofos e correntes filosóficas. Esse exercício crítico é realizado com diferenciação e precisão a fim de extrair devidamente os fundamentos, os conceitos e os problemas filosóficos. Como consequência, os alicerces da justificação das relações internacionais ressoam novas propostas teórico-conceituais e novas formas de lidar com teorias, escolas de pensamento e propostas epistemológicas. Os cinco artigos que compõem esse dossiê contribuem sobremaneira com esse exercício.

No primeiro artigo, intitulado *Kant e o problema da guerra: implicações para as operações de paz da ONU*, Saulo Freire Landgraf retoma o debate clássico na área de relações internacionais – a guerra – a partir de uma perspectiva filosófica plural. Trata-se de uma clara e relevante revisão das contribuições de Immanuel Kant, colocadas em proximidade com os teóricos contemporâneos tais como David Held. O autor oferece, com isso, um equilíbrio entre teoria e prática

com relevante compreensão do tema quando exposto na perspectiva da aplicação de preceitos conceituais e propositivos.

Em *Legitimidade e discurso político: um diálogo entre a Escola Inglesa e Hannah Arendt*, João Francisco Cortes Bustamante mobiliza os legados de Hedley Bull e Hannah Arendt com o objetivo de refletir sobre a noção de legitimidade no cenário internacional. A provocação filosófica relaciona-se com as reflexões sobre ordem, um tema sempre atual para o campo de relações internacionais. O autor exercita como o discurso político e a legitimidade repercutem no âmbito da ordem internacional. O artigo oportuniza, portanto, substancial compreensão analítico-reflexiva para temas relevantes e encobertos de tensão.

Por sua vez, o artigo escrito a quatro mãos por Bárbara Bruna de Oliveira Simões e Rafaela Weber Mallmann intitulado *A emergência do feminismo para uma releitura da teoria política: os direitos humanos das mulheres e o caso da mutilação genital feminina* propicia relevante aporte de filósofas feministas como Martha Nussbaum. A partir de tais debates, as autoras propõem uma ampliação da discussão a respeito de uma normatividade internacional que garanta a igualdade de gênero de forma universal. As autoras expressam as limitações de teorias canônicas ao mesmo tempo em que destacam a necessidade do aprimoramento teórico e das abordagens tanto na filosofia política quanto nas relações internacionais. O artigo promove, assim, relevante contribuição para efetivar novos horizontes argumentativos e propositivos.

No quarto artigo, intitulado *O fundamento filosófico, os princípios jurídicos e a plataforma política da ideia kantiana de Cosmopolitismo: um panorama dos textos básicos desde uma perspectiva contemporânea*, Antônio Carlos Rocha da Costa nos brinda com um panorama dos textos que contém as bases da ideia de *cosmopolitismo* elaborada por Immanuel Kant a partir de uma

³ Herz, Mônica. 2002. "O Crescimento da Área de Relações Internacionais no Brasil". *Revista Contexto Internacional* 24, no. 1 (janeiro/junho): 10.

⁴ Herz, Mônica. 2002. "O Crescimento da Área de Relações Internacionais no Brasil". *Revista Contexto Internacional* 24, no. 1 (janeiro/junho): 10. Ver: Brigagão, Clovis. 2004. *Relações Internacionais no Brasil: instituições, programas, cursos e redes*. Rio de Janeiro: Gramma; Ventura, Deisy de Freitas Lima; Del Tedesco Lins, Maria Antonieta. 2014. "Educação superior e complexidade: integração entre disciplinas no campo das relações internacionais". *Cadernos de Pesquisa* 44, no. 151: 104-131.

⁵ Sobre o "quarto debate", ver: Gomes, Daniel. 2016. "Teoria das relações internacionais: a pluralidade absoluta e a pluralidade relativa da disciplina". *Conjuntura Internacional* 13, no. 3: 196-216.

perspectiva contemporânea. Ao propor uma leitura do filósofo de Königsberg para além de "A paz perpétua", Costa permite uma visão mais abrangente do cosmopolitismo kantiano.

Finalmente, o artigo *A questão da moral na política internacional: uma reflexão teórico-crítica entre Kant e Nietzsche* de autoria de João Henrique Salles Jung aporta uma importante contribuição para um tema que é muito caro para a filosofia das relações internacionais: a moralidade. A partir da identificação da noção de conflito nas relações sociais e do debate sobre a importância do direito em Immanuel Kant, bem como dos escritos de Friedrich Nietzsche por meio da sua crítica aos moralistas, o autor reflete sobre a relação entre democracia, moral e política internacional.

Todos os artigos aqui apresentados convidam ao questionamento contínuo que possibilita não incorrer em incompreensões e distorções ao mesmo tempo em que enriquece tanto as relações internacionais quanto a filosofia política com pesquisas e releituras constantes. Tal convite à releitura das relações internacionais por meio da reflexão filosófica feita pelos autores que construíram este dossiê apenas se tornou viável em virtude da equipe editorial da revista *Conversas e Controvérsias*, sempre aberta às abordagens multidisciplinares.

Resta desejar a todos uma excelente leitura!

Referências

Brigagão, Clovis. 2004. *Relações Internacionais no Brasil: instituições, programas, cursos e redes*. Rio de Janeiro: Gramma.

Gomes, Daniel. 2016. "Teoria das relações internacionais: a pluralidade absoluta e a pluralidade relativa da disciplina". *Conjuntura Internacional* 13, no. 3: 196-216.

Herz, Mônica. 2002. "O Crescimento da Área de Relações Internacionais no Brasil". *Revista Contexto Internacional* 24, no.1 (janeiro/junho):10.

Hoffmann, Stanley. 1977. "An American Social Science: International Relations". *Daedalus*, no. 106: 45.

Ventura, Deisy de Freitas Lima; Del Tedesco Lins, Maria Antonieta. 2014. "Educação superior e complexidade: integração entre disciplinas no campo das relações internacionais". *Cadernos de Pesquisa* 44, no. 151: 104-131.

Teresa Cristina Schneider Marques

Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Coordenadora do curso de graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Professora adjunta dos programas de pós-graduação em Ciências Sociais e Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

João Francisco Cortes Bustamante

Bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.